UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

JULIANA SILVA BATISTA

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA: O QUE AVALIA A
PROVINHA BRASIL?**

SÃO CRISTOVÃO-SE

2016

JULIANA SILVA BATISTA

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA: O QUE AVALIA A
PROVINHA BRASIL?**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lianna Melo Torres

SÃO CRISTOVÃO-SE

2016

JULIANA SILVA BATISTA

**A APRENDIZAGEM DA LEITURA: O QUE AVALIA A
PROVINHA BRASIL?**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Lianna de Melo Torres
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Orientadora

Prof^a Dra. Silvana Aparecida Bretas
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Primeira Avaliadora

Prof^a Dra. Iara Maria Campelo Lima
Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Segunda Avaliadora

Meus agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para a realização deste trabalho.

Agradeço a Prof^a Dr^a Lianna Torres de Melo, pelo suporte, por confiar no meu potencial e se dispor a ser minha orientadora nesta fase de conclusão do meu curso.

A esta Universidade e seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela que vislumbro hoje de um ensino superior.

A Marizete Lucini que é minha orientadora no Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), por ter me orientado durante esses anos nesse projeto.

À escola que foi meu laboratório de pesquisa e a professora da turma pelo apoio em sala de aula para que minha pesquisa fosse realizada da melhor forma possível.

Aos meus pais, por seu amor incondicional, por incentivar, acreditar e me apoiar.

E a todos que fizeram parte direta e indiretamente da minha formação, meu muito obrigado.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo de investigar a aprendizagem da leitura com base na Provinha Brasil dos alunos de uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Aracaju. A questão central da pesquisa foi estudar através da Provinha Brasil em que nível se encontra os alunos da referida turma em relação à leitura. O estudo foi realizado numa perspectiva de pesquisa qualitativa, no formato metodológico de pesquisa de campo, no qual foram sujeitos da pesquisa os alunos da 4º ano do ensino fundamental. Foi utilizado como o instrumento de coleta de dados a Provinha Brasil de 2015 do mês de abril. As análises foram fundamentadas em Luiz Carlos Cagliari. Os dados foram organizados e tabulados e como conclusão através da aplicação da Provinha Brasil o estudo indicou que os alunos desta turma ainda não estão familiarizados com a leitura.

Palavras-chave: Alfabetização – Política de avaliação – Provinha Brasil

ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the reading and writing learning based on Provinha Brazil of students in a class of 4th year of elementary school from a public school in Aracaju. The central question of the research was to study through Provinha Brazil to determine at what level is the students of that class in relation to reading and writing. The study was conducted on a qualitative perspective, the methodological format of field research, in which research subjects were students of 4th year of elementary school. It was used as the data collection instrument Provinha Brazil 2015 of April. The analyzes were based on Luiz Carlos Cagliari. Data were organized and tabulated and as a conclusion by applying the Provinha Brazil the study indicated that students in this class are not familiar with reading and writing.

Keywords: Literacy - Assessment Policy - Provinha Brazil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	11
A aprendizagem da leitura e da escrita: o sentido da alfabetização.	
CAPÍTULO II	17
A Provinha Brasil e a política de avaliação diagnóstica do nível de alfabetização.	
CAPÍTULO III	23
O que a Provinha Brasil avalia?	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

O interesse em conhecer as razões que fazem os alunos fracassarem na leitura deu-se a partir da minha inserção como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), onde participo das aulas da escola na turma do 4º ano em alguns dias na semana e pude notar a dificuldade de leitura por parte da maioria dos alunos do 4º ano. A priori, considerei que essa dificuldade por parte dos alunos era devido à falta de incentivo por parte do professor e do ambiente escolar, mas com o passar do tempo notei que a falta de interesse partia da grande maioria dos alunos da turma. Em conversa com a professora, ela me explicou que era difícil transmitir o conteúdo do 4º ano quando na verdade tinha que fazer uma alfabetização com esses alunos. Nesse sentido decidi verificar em que nível de leitura se encontram esses alunos, alguns repetentes, outros oriundos de outras escolas e os que tinham sido aprovados no ano anterior na mesma escola. A questão é que no segundo ano do ensino fundamental os alunos são submetidos à Provinha Brasil que avalia o conhecimento que os alunos adquiriram e o nível de leitura, mas para que avalia? Se os alunos seguem para o 4º ano ainda sem saber ler?

No site do MEC está dito que é preciso avaliar o nível de alfabetização destes alunos com o intuito de verificar como anda o processo de aprendizagem com relação às habilidades de leitura e matemática. A Provinha Brasil, em princípio, deveria ser vantajosa no sentido de informar aos professores em que assunto ele precisaria focar para garantir uma melhor aprendizagem para seus alunos e aos gestores das redes públicas brasileiras dar elementos para fazer um planejamento curricular que se adeque aos resultados adquiridos com a aplicação desta prova, não só com relação aos alunos, mas aos professores também.

No entanto, na prática, a Provinha não tem provocado mudanças significativas na forma de pensar o ciclo inicial de alfabetização nem por parte dos professores nem dos gestores. A escola segue como se essa avaliação não interferisse em nada. Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo investigar através da Provinha Brasil sobre o nível de alfabetização em que se encontram as crianças do 4º Ano do ensino fundamental de uma escola pública de Aracaju.

Um das grandes dificuldades da escola é a aprendizagem dos alunos com relação à leitura e escrita, de modo geral, a responsabilidade está na escola e no professor. Cabe a eles a competência de um trabalho pedagógico que ensine esses

alunos a serem bons leitores e escritores. Cada criança ao iniciar sua vida escolar já traz consigo uma bagagem e muitos ainda não tem uma familiarização com a leitura e escrita, e é necessário que o professor leve em consideração esse aprendizado prévio existente na criança. Trabalhar textos em sala de aula pode vir a ser uma forma de ensino para esse processo de aprendizagem e segundo Cagliari (1998, p. 200)

[...] para uma criança que entra na escola para se alfabetizar, é muito mais natural e fácil lidar com textos do que com palavras isoladas, sílabas ou outros segmentos. O mundo da linguagem é o mundo dos textos. Por essa razão, o professor deve tentar, sobretudo no início, criar situações em sala de aula em que predominem o texto.

A escola não deve ensinar “o ler por ler” e sim, que ao ensinar o aluno a ler o mesmo possa compreender o que está escrito, o trabalho com textos deveriam estar inserido desde a alfabetização até os últimos anos escolares, Cagliari diz que (2008, p.105).

[...] Assim, a leitura não pode ser só decifração: deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, ao seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras, etc.), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico etc. em que o escritor se baseou para escrever.

Quanto à escrita, no que diz respeito à forma Cagliari (2008, p. 98,101) nos fala que “(...) a escrita cursiva é importantíssima, fundamental na nossa cultura, mas não me parece ser a maneira mais adequada de ensinar alguém a escrever”, o autor defende que se utilize a escrita de forma e, posteriormente, a escrita cursiva, pois, assim, será de melhor compreensão por parte dos alunos. No que diz respeito à função social da escrita, deve-se ensinar o verdadeiro valor que tem a escrita, pois dependendo do grupo social em que se encontram, levarão a aprendizagem da escrita como forma de sobrevivência e não como expressão individual de arte, passatempo. De acordo com Cagliari (2008, p. 102).

[...] Se elas não tiverem uma motivação real, poderá ser inútil mostrar-lhe toda a parafernália de letras e rabiscos própria da alfabetização [...] Para minha surpresa, ao deixarem as crianças escreverem textos espontâneos, pude observar que elas se preocupam em expor conceitos muito pessoais, como sua visão do mundo, da vida, de maneira objetiva e direta ou através de uma fantasia semelhante à dos contos de fada. A

maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional.

A questão é saber se a Provinha Brasil avalia de fato o nível de leitura das crianças. E como os alunos respondem a ela?

Estudei sobre a Provinha Brasil na disciplina de Política e Gestão Educacional I e daí nasceu a curiosidade em saber se esta prova realmente poderia aferir o nível de leitura das crianças. Sabendo que os alunos do 4º ano correspondem ao 3º ano e que provavelmente teriam realizado uma prova semelhante a 2 anos atrás decidi utilizar esse instrumento de nível mais elementar para aferir se houve de fato progresso no nível de alfabetização no 4º ano.

A pesquisa foi realizada em uma classe de 4º ano com os alunos que frequentam as aulas regularmente, na escola onde sou bolsista do PIBID. Decidi usar a prova elaborada pelo MEC, a 1ª edição da Provinha Brasil do ano de 2015, para averiguar como eles responderiam a prova e se ela seria realmente um instrumento capaz de medir o nível de leitura deles. Apliquei a prova em dois dias distintos, para conseguir abranger a totalidade dos alunos que frequentavam as aulas regularmente. O processo de aplicação da prova foi feito de acordo com a orientação do MEC: um aplicador para ler os enunciados das questões e para a correção, neste caso o aplicador e corretor fui eu mesma e os alunos respondiam de acordo com o que achava correto a cada questão marcando um X.

Após o processo de coleta de dados, levantei os erros e acertos dos alunos e foi elaborada uma tabela para facilitar a emergência das categorias que poderiam ser analisadas à luz do referencial teórico na tentativa de compreender o que os dados revelam e quais considerações eram possíveis de ser feitas a partir das análises.

No primeiro capítulo, procurei fundamentar o que seria a aprendizagem da leitura e da escrita, com base nos textos de Cagliari, buscando o sentido da alfabetização, na tentativa de entender o motivo pelo qual os alunos, sujeitos desta pesquisa, apesar de estarem no 4º ano não sabem ainda ler e escrever fluentemente.

No segundo capítulo, fiz um breve histórico da Provinha Brasil situando-a na política de avaliação diagnóstica do nível de alfabetização, disponibilizada pelo MEC para todas as Secretarias de Educação do país. A proposta oficial é de que ela seja um instrumento de avaliação diagnóstica aplicada no início e no fim do 2º ano do ensino

fundamental. A pretensão é diagnosticar o que os alunos aprenderam no fim de cada ciclo avaliado.

No terceiro capítulo, a partir dos dados coletados busco compreender o que fazer a partir do que a Provinha Brasil diagnostica, quando aplicada a prova em uma turma do 4º no do ensino fundamental e os resultados mostram que a maioria ainda se encontram no nível 3, no que diz respeito a habilidade de leitura.

O resultado das provas mostraram que os alunos ainda não se encontram no nível 5, quiçá estivessem no 5, mas somente três alunos se encontram neste nível. Já deveriam estar no maior nível, pois, a Provinha Brasil é aplicada no 2º ano do ensino fundamental e para esta pesquisa a prova foi aplicada numa turma do 4º ano e deveriam ter respondido as questões com maestria.

CAPÍTULO I

A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: O SENTIDO DA ALFABETIZAÇÃO

O analfabetismo adulto foi no passado uma consequência da falta de escola para todos. As pessoas não aprendiam a ler e escrever porque não iam para a escola. Hoje os dados estatísticos oficiais indicam que quase 100% das crianças com idade entre 6 a 14 anos têm sua matrícula garantida na escola, no entanto, a maioria das crianças que estão nas classes de alfabetização das escolas públicas, chega ao 4º ano sem nem sequer conhecer as letras do alfabeto, como no caso da turma em que faço minha pesquisa de campo. Não há uma explicação única sobre essa questão, aponta-se o ensino tradicional, a falta de condições de trabalho para os docentes e para os próprios alunos que acabam sendo os mais prejudicados com esse tipo de ensino. Espera-se que ao final do 3º ano de alfabetização a criança já saiba ler e escrever. O que não acontece, a escola está muito preocupada com o desenvolvimento da coordenação motora fina, para que o aluno aprenda a escrever. Que tipo de escrita? Cópia? Escrever e copiar são a mesma coisa? Concordando com o que diz Cagliari (2008, p. 96), à escola importa mais a letra bonita do que trabalhar o texto tomado como objeto do ensino da língua, no qual os alunos deveriam através dele expor suas ideias.

[...] A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança, no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta. [...] O ensino de português tem sido fortemente dirigido para a escrita, chegando mesmo a se preocupar mais com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa.

Outro fator muito criticado por Cagliari (2008, p. 97) é ensinar a escrever desde o início usando a escrita cursiva. O autor defende que na antiguidade não existia a letra cursiva, ela [...] “vai aparecer só na Idade Média, mas nessa época o latim já era escrito com muitos tipos de letra”. Mas a escola insiste em “ênfatizar o uso da escrita cursiva e esquecem de verificar o que a escrita representa para a criança” (IDEM, p. 99), o que para ele seria o que realmente é importante, sem desconsiderar a importância da escrita cursiva.

Sem dúvida, a escrita cursiva é importantíssima, fundamental na nossa cultura, mas não me parece ser a maneira mais adequada de ensinar alguém a escrever. Seria muito mais fácil e simples aprender a escrever e a ler, em primeiro lugar, através da escrita de forma maiúscula. Depois a criança aprenderia a escrita cursiva. (IDEM, p. 98)

Ao invés de explicar que temos várias formas de representação gráfica, os vários tipos de alfabetos são ensinados de forma misturada e com letra cursiva. Para o autor (IDEM, p.101), o que é mais importante “antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita qual julgam ser a utilidade e, a partir daí, programar as atividades adequadamente”.

Deixar a criança escrever espontaneamente é para Cagliari (2008, p. 97) uma ótima forma de aprender a escrever por eles mesmos. Os textos espontâneos são marcados pela fala, a criança escreve como fala, com o tempo e a intervenção do professor, aprenderão a desconfiar de suas hipóteses e buscar corrigir sem precisar que o professor recorra às regras gramaticais. Essa seria uma forma de acabar com o jogo da escola “ensinar a escrever sem ensinar o que é escrever”, uma vez que, Segundo Cagliari (2008, p. 105)

A escrita se diferencia de outras formas de representação do mundo, não só porque induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada, isto é, quem escreve, diferentemente, por exemplo, de quem desenha, pede ao leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica.

No que diz respeito à leitura, Cagliari (2008) diz que é primordial a escola ensinar a ler e os professores devem assim o fazer. Ensinar a ler não é somente a ler o português, mas ensinar como se leem os diversos tipos de texto, inclusive ensinar a interpretar o enunciado das disciplinas escolares, como por exemplo, a matemática, uma vez que muitos alunos não sabem nem ler um problema para interpretá-lo e respondê-lo.

Cada aluno traz para a escola uma “bagagem”, são os saberes construídos por ele na vida em família com os amigos, ou seja, trazem para a escola também a sua forma de falar, formas dialetais que em geral são discriminadas pela escola como “fala errada”, os alunos acabam por se envergonharem do seu dialeto na hora de ler ou até mesmo de não querer ler.

Há um descompasso da escola com a criança. Mais uma vez (como analisamos em relação à fala), não se respeita a bagagem de conhecimentos da criança, a hipótese que tem sobre o que é escrever e como isso pode ser feito, não se considera que ela está em contato constante com essa forma de representação do mundo. [...] Mesmo que seja uma criança de um meio em que pouco se usa a leitura e a escrita, não se pode considerar que ela nunca tenha visto nada escrito, que não tenha tido nenhum contato e nem tenha uma ideia do que significa a escrita. (CAGLIARI, 2008, p. 123)

A escola prega que uma boa leitura deve ser feita no dialeto padrão. Cagliari (2008, p.104) defende que é importante permitir que o aluno aprenda a ler conforme o seu dialeto e que posteriormente o professor explique que existem várias formas de falar, no entanto, à escola cabe ensinar o dialeto padrão: “[...] a escrita tem como objetivo a leitura. A leitura tem como objetivo a fala. A fala é a expressão linguística e se compõe de unidades, de tamanho variável, chamadas signos e que se caracterizam em sua essência pela união de um significado a um significante”. Além disso, ele também chama atenção que a escrita não é o espelho da fala, de maneira que a relação entre as letras e os sons da fala não representa a escrita ortográfica, mas sim a escrita fonética. Por isso, o autor recomenda que, desde o início do processo de alfabetização a professora fale sobre a diferença entre fala, escrita e desenho. O problema é que as escolas “não permite que a criança faça o seu aprendizado da escrita como fez o da fala. Ela não tem liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir; tudo deve ser feito ‘certinho’, desde o primeiro dia de aula”. (IDEM, p. 121. Grifos do autor)

De acordo com Cagliari (2008) a escola não valoriza o que deveria ser valorizado, por exemplo, iniciar o processo de alfabetização pela letra bastão, ao invés da letra cursiva, para facilitar o entendimento da criança em relação ao traçado da letra; deixar as crianças criarem suas escritas ao invés de cópia; respeitar o dialeto, ou seja, o jeito de falar e conseqüentemente de escrever. Mas não é isso que acontece nas salas de alfabetização, na escrita prevalece a cópia e na leitura prevalece os textos sem sentido, que servem apenas para treino no processo de alfabetização. A escola não permite que a criança represente a escrita do jeito que ela imagina, ao contrário da cópia.

Nessas tentativas de escrita, a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita. [...] É importante deixar que as crianças experimentem como escrever as letras; dar tempo para que isso aconteça [...] introduzindo propostas de trabalho que considere necessárias e que, em sua prática, revelaram-se eficientes (IDEM, p. 122)

A escola também não dá importância à fala das crianças, o que seria muito importante, uma vez que, no início, elas escrevem como falam ou como pensam ser a forma correta de escrever, ou seja, escrevem foneticamente, e isso é muito importante para o aprendizado da escrita, permitir que a criança escreva espontaneamente e depois se pensa junto com a criança a correção ortográfica. De acordo com Cagliari (2008, p.100),

[...] o que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade, espacial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa, a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício de treinamento manual. [...] Preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever.

Um dos fatores que também prejudica o aprendizado e o interesse da criança está no contexto familiar, dificilmente uma criança que não tem em casa o costume de ler e escrever ao chegar à escola terá que construir uma relação de sentido com a leitura e escrita. A esse respeito, Cagliari (2008, p.101) assim se refere:

[...] Portanto, alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma de expressão individual de arte, de passatempo.

O professor deve considerar isso e não transformar a leitura em simples exercício de decifração. Concordando com Cagliari (2008, p.105):

[...] a leitura não pode ser só decifração: deve, através da decifração, chegar à motivação do que está escrito, ao seu conteúdo semântico e pragmático completo. Por isso, é que a leitura não se reduz à somatória dos significados individuais dos símbolos (letras, palavras, etc.), mas obriga o leitor a enquadrar todos esses elementos no universo cultural, social, histórico etc. em que o escritor se baseou para escrever.

Muitas escolas buscam um ensino de forma tradicional utilizando somente quadro e giz, num sistema de ver e copiar esquecendo que há outras formas de ensino, como por exemplo, a brincadeira. Sendo uma das coisas que as crianças mais gostam de

fazer utilizá-la é de grande valia. Na escola observada em especial a turma em que estive fazendo a pesquisa, as aulas ocorreram como informado acima: quadro e giz, ver e copiar e quando a docente da turma tentava inovar em suas aulas não obtinha êxito.

O ensino da leitura é muito importante, pois quem ler bem, conseqüentemente escreverá bem. De acordo com Cagliari (2008) a não familiarização com a leitura reflete na falta de interesse dos alunos em querer aprender. Na escola pesquisada, o professor tem que lidar com as péssimas condições de trabalho, seria isso um impedimento para que ele possa inovar as aulas para despertar o interesse dos alunos em aprender? Para Cagliari (2008, p. 102), “[...] a maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional”.

A leitura deve ter lugar central na formação dos alunos. As cartilhas atuais trazem textos do folclore nacional ou fragmentos de histórias infantis, mas ao invés de explorar o conteúdo, a finalidade enquanto gênero textual usa o texto como pretexto, para a escrita, ou como diz Cagliari (2008, p.129),

[...] é preciso que sejam lidos para as crianças livros de literatura infantil, jornais, revistas, cartas, bilhetes, avisos etc., além de incentivá-las a escrever histórias em geral, notícias sobre assuntos que lhes interessem, cartas, bilhetes, avisos; outra atividade é a criação de textos para propaganda em sala de aula.

De acordo com Cagliari (2008, p.126) um texto escrito pela criança não deve servir para corrigir ortografia, concordância, regência, caligrafia. O autor defende que um texto deve ser usado “como fonte de informação a respeito de seus alunos, de seus progressos e dificuldades”.

Em síntese, Cagliari (1998) propõe um outro olhar sobre a alfabetização e o alfabetizando. Ele nos revela como trabalhar no ensino da leitura e escrita, como deve ser o procedimento do professor com relação a bagagem que o aluno já traz consigo. Fala que é importante se trabalhar com textos e não palavras isoladas com os alunos que entram na escola para se alfabetizar, pois, os professores não acreditam que os alunos possam ser capaz de trabalhar com textos nessa faixa etária. É aí que entra a bagagem que o aluno traz consigo, pois a escola deve fazer a junção dos dois para o aprendizado se tornar satisfatório para ambos os lados, usando o que o aluno já sabe permite que ele não tenha medo de dizer o que pensa e medo de errar, porque se a escola não utiliza o

que o aluno já sabe ele vai chegar à conclusão de que o que ele sabe não serve pra nada. O texto faz uma crítica ao método utilizado pelos professores nas salas de aula, método esse que o autor denomina de ba be bi bo bu, o qual nas palavras do autor não contribui para o desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente da escrita desses alunos. O grande incentivo deve vir do professor, ele deve incentivar os alunos a escrever textos e não palavras isoladas, pois será de grande valia no seu aprendizado da leitura e escrita posteriormente. Por fim, no método proposto por Cagliari a produção de texto na alfabetização é de suma importância para o aprendizado do aluno e cabe a escola e o professor esse incentivo, inovar na forma de ensino e não repetir os esquemas dos métodos tradicionais, que não desenvolve a capacidade intelectual das crianças no sentido de leva-las a refletir como a língua funciona, como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem.

CAPÍTULO II

A PROVINHA BRASIL E A POLÍTICA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO NÍVEL DE ALFABETIZAÇÃO.

Um dos motivos para que se criasse a Provinha Brasil, foram os indicadores do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que indicou déficits no ensino oferecido pelas escolas brasileiras, déficits estes que o Governo Federal vinha tentando reverter e para tentar modificar esse quadro. Teve como iniciativa a mudança do ensino fundamental de oito para nove anos, antecipando a idade da entrada das crianças aos seis anos no 1º ano escolar, apoiados pela LDB, Lei nº 9.394, de 1996, criando a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro 2006.

Foram as deficiências no ensino fundamental, que levaram o Ministro Fernando Haddad a instituir a Provinha Brasil através da Portaria Normativa nº 10, de 24 de abril de 2007. Segundo dados do INEP/MEC¹ a Provinha Brasil teve sua 1ª edição aplicada em abril de 2008 em cerca de 3.133 municípios e 22 Unidades Federativas que receberam do MEC/FNDE o material impresso, onde foi disponibilizado também na página do Inep para que as Secretarias de Educação pudessem fazer download do material e no 2º semestre de 2008, além da disponibilização do material pela internet, todas as Secretarias de Educação do país passaram a receber o material impresso. Foram aplicados 16 testes até o momento para o monitoramento do aprendizado da habilidade de Português, já Matemática como só iniciou em 2011, foram aplicados 12 testes até o momento.

Na sua 1ª edição de aplicação a Provinha Brasil só contava com a de prova de Português e em 2011 foi incluída a de Matemática. A Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica e não classificatória, ela visa investigar o desenvolvimento dos alunos das habilidades que estão relacionadas à alfabetização, letramento em Língua Portuguesa e Matemática, essas provas são para crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras e que passaram por, pelo menos um ano escolar dedicado ao processo de alfabetização. É aplicada duas vezes ao ano a primeira prova é aplicada no mês de abril (sugestão do MEC) e a segunda no mês de novembro (sugestão do MEC), investiga o que os alunos aprenderam no ano

¹ www.mec.gov.br (acessado em 12.03.2016)

anterior e na segunda prova o que aprenderam no ano em que estão estudando. Segundo o INEP, essa periodicidade “(...) possibilita a realização de um diagnóstico mais preciso que permite conhecer o que foi agregado na aprendizagem das crianças, em termos de habilidades de leitura e de matemática”². Fica a critério de cada Secretaria de Educação a adesão e aplicação da Provinha Brasil, pois ela é opcional. No entanto, o MEC sugere que há benefícios em participar desse processo de avaliação não é só para os alunos, mas também para os professores e gestores, uma vez que a proposta oficial de avaliação se propõe a ser um guia para as escolas buscarem atender as necessidades dos alunos de modo especial, pois mediante o diagnóstico feito antecipadamente espera-se que o processo de alfabetização desses alunos aconteça de forma satisfatória. Para isso, os professores contam com um instrumento para identificar as dificuldades dos alunos, podendo se orientar de como ensinar e o que ensinar e os gestores podem fazer escolhas fundamentadas para sua gestão, levando em conta a formação continuada dos professores alfabetizadores, para melhorar a qualidade de ensino em sua rede. Os dados da Provinha não compõem diretamente na composição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

O que se deseja é que a Provinha Brasil seja utilizada com o intuito de orientar as ações políticas e pedagógicas, que poderão, em conjunto com outras iniciativas, melhorar as práticas educacionais. Tal dinâmica possibilita, conseqüentemente, melhoria no IDEB de estados e municípios a médio e longo prazo³.

Em 2013, o INEP desenvolveu um sistema on-line para que as redes de ensino que quiserem lançar os resultados da última prova aplicada naquele ano, possam gerar relatórios e analisar os dados de forma mais sistematizada. O site entrou em vigor em 14 de julho de 2014, para que os diretores e professores de escolas públicas que queiram lançar esses dados para uma melhor visualização dos desempenhos dos alunos. Segundo informações extraídas do site do MEC, a Provinha Brasil pode “oferecer informações que possam orientar tanto os professores quanto os gestores escolares e educacionais na implementação, operacionalização e interpretação dos resultados dessa avaliação”.

² www.mec.gov.br (acessado em 06.04.2016)

³ www.mec.gov.br (acessado em 06.04.2016)

Conforme Portaria Normativa nº 10, de 24 de abril de 2007, a Provinha Brasil tem os seguintes objetivos: avaliar o nível de alfabetização dos educandos nos anos iniciais do ensino fundamental; oferecer às redes e aos professores e gestores de ensino um resultado da qualidade da alfabetização, prevenindo o diagnóstico tardio das dificuldades de aprendizagem; concorrer para a melhoria da qualidade de ensino e redução das desigualdades, em consonância com as metas e políticas estabelecidas pelas diretrizes da educação nacional. Ainda de acordo com a citada Portaria Normativa, a partir da Provinha Brasil é possível garantir o estabelecimento de metas pedagógicas para a rede de ensino; o planejamento de cursos de formação continuada para os professores; investimento em medidas que garantam melhor aprendizado; desenvolvimento de ações imediatas para a correção de possíveis distorções verificadas; melhoria da qualidade e redução da desigualdade de ensino.

2.1 A PROVINHA BRASIL E A MATRIZ DE REFERÊNCIA

Em 4 de julho de 2012, através da Portaria nº 867, foi instituído o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, que tem a proposta assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A criação do PNAIC atrela-se ao Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, uma vez que nele é previsto a utilização dos dados da Provinha Brasil para aferir se os resultados estão sendo eficaz na alfabetização.

Para a construção da Provinha Brasil, participam da sua elaboração: “Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceale); Centro de Formação Continuada do professores da Universidade de Brasília (Ceform); Centro de Formação Continuada, Desenvolvimento de Tecnologias e Prestação de Serviços para as Redes Públicas de Ensino da Universidade Federal de Ponta Grossa (Cefortec); Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (Ceel); Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Caed).” (BRASIL, 2016). Eles participam também da elaboração da Matriz de Referência tanto dos itens das provas.

A Matriz de referência é apenas uma referência para a construção do instrumento de avaliação. É, portanto, diferente de uma proposta

curricular ou de programas de ensino, que são mais amplos e complexos. A Matriz de Referência foca habilidades essenciais de alfabetização e letramento, ou seja, avalia os conhecimentos esperados que os alunos tenham adquiridos após o início do processo de alfabetização, mas de forma alguma deve substituir o currículo da escola em relação às habilidades de Língua Portuguesa e Matemática⁴.

A Provinha Brasil é elaborada por especialistas tendo como base as habilidades descritas nas matrizes de referência onde são selecionados os itens a serem pré-testados.

O pré-teste consiste na simulação de uma prova comum que avalia o comportamento pedagógico do item, isto é, pretende-se verificar se há erros de conceito, de gabarito, de clareza do enunciado, dentro outros. Também possibilita determinar as características, estatísticas, tais como o nível de dificuldade e discriminação. Com o pré-teste é possível determinar quais itens poderão ou não ser utilizados na avaliação. (IDEM).

A Provinha Brasil é composta por 20 questões e não avalia itens de escrita, somente avalia as habilidades de leitura, 9 das 20 questões são abertas e as 11 restantes são de múltipla escolha, onde o aplicador lê o enunciado da questão e o aluno responde àquela que acredita ser a resposta correta, marcando um (X). Como a Provinha Brasil não é classificatória e sim diagnóstica, o aplicador pode ser o professor da turma ou por pessoas indicadas pelas Secretarias de Educação e os resultados podem ser corrigidos pelos mesmos, o Inep sugere que as provas sejam aplicadas, corrigidas e analisadas pelo professor da turma, pois sendo estes resultados corrigidos pelo professor da turma ele terá uma melhor visão do qual nível de alfabetização os seus alunos se encontram. Os alunos que possuem necessidades especiais também podem fazer a Provinha Brasil, se tiver condições de realizá-la e se a escola e a Secretaria de Educação oferecer recursos para esse aluno. As correções são feitas por um manual de correção e interpretação fornecido também pelo Inep, nesse guia de correção há cinco níveis para identificar em que nível se encontra os alunos a partir das quantidades de acertos e erros.

Com base na Matriz de Referência para Avaliação da Alfabetização e do Letramento Inicial, a Provinha tem dois eixos: o primeiro eixo o aluno tem que ter

⁴ www.mec.gov.br (acessado em 06.04.2016)

apropriação do sistema de escrita: habilidades relacionadas à identificação e ao reconhecimento de princípios do sistema de escrita.

No primeiro eixo o aluno deve reconhecer letras (diferenciar letras de outros sinais gráficos, identificar pelo nome as letras do alfabeto ou reconhecer os diferentes tipos de grafia das letras; Reconhecer sílabas (Identificar o número de sílabas que formam uma palavra por contagem ou comparação das sílabas de palavras dadas por imagens; Estabelecer relação entre unidades sonoras e suas representações gráficas (identificar em palavras a representação de unidades sonoras como: letras que possuem correspondência sonora única (ex: p, b, t d, f); Letras com mais de uma correspondência sonora (ex: “c” e “g”); sílabas. No segundo eixo o aluno precisa ler palavras (identificar a escrita de uma palavra ditada ou ilustrada, sem que isso seja possível a partir do reconhecimento de um único fonema ou de uma única sílaba; Ler frases (localizar informações em enunciados curtos e de sentido completo, sem que isso seja possível a partir da estratégia de identificação de uma única palavra que liga o gabarito à frase; Localizar informações explícita em textos (localizar informações em diferentes gêneros textuais, com diferentes tamanhos e estruturas [...] relacionar dados do texto para chegar à resposta correta; Reconhecer assunto de um texto (antecipar o assunto do texto com base no suporte ou nas características gráficas do gênero [...] reconhecer o assunto, fundamentando-se apenas na leitura individual do texto); Identificar a finalidade do texto (antecipar a finalidade do texto com base ou nas características gráficas do gênero [...] identificar finalidade, apoiando-se apenas na leitura individual do texto); Estabelecer relação entre partes do texto (antecipar a finalidade do texto com base no suporte ou nas características gráficas do gênero [...] identificar finalidade, apoiando-se apenas na leitura individual do texto); Estabelecer relação entre partes do texto (identificar repetições e substituições que contribuem para a coerência e a coesão textual), por motivo de revisão na Matriz de Referência da Provinha Brasil em 2009 e 2011, este item não será avaliado; Inferir informação (IDEM).

A 1º questão da prova aplicada era pra reconhecer a letra G entre outras letras; a 2º era para reconhecer através da figura de um tubarão o nome do mesmo; a 3º questão era para reconhecer entre quatro placas aquela que apresentasse somente letras; a 4º questão era para reconhecer a primeira letra da figura de uma borboleta; a 5º questão é igual a quarta reconhecer a primeira letra da figura de uma girafa; a 6º questão era pra reconhecer a primeira sílaba da palavra caderno; a 7º questão era para reconhecer juntamente com a figura de duas crianças brincando a frase: “As crianças brincam de pega-pega”; a 8º questão era pra reconhecer a palavra formiga; a 9º questão

era para fazer o reconhecimento entre outras palavras da primeira sílaba que fosse igual a primeira sílaba da palavra pirulito (panela, peteca, pipoca, sapato); a 10ª questão era leitura e interpretação de texto; a 11ª questão era pra observar a imagem de uma galinha e marcar a quantidade de sílabas existentes na palavra; a 12ª questão era pra observar uma estante e marcar no quadrado onde aparecesse o nome da mesma; a 13ª questão era para que observassem um cartaz sobre a Dengue e posteriormente marcariam sobre o que o texto do cartaz dizia(uma doença, uma brincadeira, regras de jogo e reciclagem); a décima quarta questão era sobre leitura de texto: Quem inventou o Baralho? e os alunos teriam que marcar a questão que informasse o assunto do texto; a 15ª questão era para fazer a leitura de um convite de aniversário e os alunos teriam que marcar sobre o que o bilhete informava; a 16ª questão era uma leitura de uma receita de brigadeiro e os alunos responderiam para que serviria o texto que leram; a 17ª questão era para acompanharem silenciosamente a leitura do texto Sopa de pedras que o aplicador faria e após eles marcariam quem era o “pessoal” de quem falava no texto; a 18ª questão era leitura e interpretação de texto sobre dicas de como agir na praia; a 19ª questão foi mais uma vez sobre leitura e interpretação de texto, o texto era sobre curiosidades da baleia; a 20ª e última questão foi para acompanhar a leitura de um trecho de uma revista em quadrinhos onde eles teriam que identificar a reação da Mônica diante da resposta dada pelo espelho a ela.

CAPÍTULO III

O QUE A PROVINHA BRASIL AVALIA?

Para saber o que a Provinha Brasil avalia, reproduzi a prova aplicada oficialmente no ano de 2015. Usei somente o caderno de leitura – teste 1, pois a segunda prova não estava disponível no site do MEC no período da coleta de dados da pesquisa. Segui a metodologia indicada no caderno: a prova deveria ser aplicada individualmente, as questões devem ser lidas pela aplicadora e os alunos respondem marcando um X nas respostas que achavam corretas. Algumas questões como, por exemplo, as de leitura de texto a recomendação é que o professor leia o enunciado e os alunos continuem a leitura sozinhos e respondam.

A Prova foi aplicada numa escola pública situada no bairro Santa Tereza, na cidade de Aracaju. Foram aplicadas logo no início do ano em dois dias, porque no dia alguns alunos não comparecem a aula. Consegui aplicar a prova com um total de 21 alunos de uma turma de 4º ano do ensino fundamental. Antes de aplicar a prova perguntei quantos haviam feito a Provinha, dos vinte e um alunos, dezessete informaram que fizeram e somente quatro disseram que não.

A prova contém 20 questões, sendo 9 delas de leitura e interpretação de texto, as demais são sobre reconhecimento de letras, figuras, sílabas, palavras e separação e sílabas. A 1º questão era pra reconhecer a letra G entre três outras letras, nesta questão dos 21 alunos que a fizeram 19 deles acertaram e 2 erraram; a 2º era para reconhecer através da figura de um tubarão o nome do mesmo e todos acertaram; a 3º questão era para reconhecer entre quatro placas aquela que apresentasse somente letras, nesta 18 alunos dos 21 acertaram e 3 erraram; a 4º questão era para reconhecer a primeira letra da figura de uma borboleta, nesta 20 alunos obtiveram êxito com erro de 1 aluno somente; a 5º questão é igual a quarta reconhecer a primeira letra da figura de uma girafa, nesta 19 alunos acertaram e 2 erraram; a 6º questão era pra reconhecer a primeira sílaba da palavra caderno, 19 alunos acertaram e 2 erraram; a 7º questão era para reconhecer juntamente com a figura de duas crianças brincando a frase: “As crianças brincam de pega-pega”, nesta 20 alunos acertaram e 1 errou; a 8º questão era pra reconhecer nos quadrados abaixo a palavra formiga, 18 alunos acertaram e 3 erraram; a 9º questão era para fazer o reconhecimento entre outras palavras da primeira sílaba que fosse igual a primeira sílaba da palavra pirulito (panela, peteca, pipoca, sapato), nesta 19

alunos obtiveram êxito e 2 não obtiveram; a 10ª questão era leitura de texto e interpretação do mesmo para saber onde o Porquinho-da-índia gostava de estar, nesta 18 alunos acertaram e 3 erraram; a 11ª questão era pra observar a imagem de uma galinha e marcar a quantidade de sílabas existentes na palavra, 13 alunos acertaram e 8 erraram; a 12ª questão era pra observar uma estante e marcar no quadrado onde aparecesse o nome da mesma, 16 alunos acertaram e 5 erraram; a 13ª questão era para que observassem um cartaz sobre a Dengue e posteriormente marcariam sobre o que o texto do cartaz dizia(uma doença, uma brincadeira, regras de jogo e reciclagem), 11 alunos acertaram e 10 erraram; a 14ª questão era sobre leitura de texto: Quem inventou o Baralho? e os alunos teriam que marcar a questão que informasse o assunto do texto, 10 alunos acertaram e 11 erraram; a 15ª questão era para fazer a leitura de um convite de aniversário e os alunos teriam que marcar sobre o que o bilhete informava, a resposta correta seria que se tratava de um convite para uma festa, 17 alunos acertaram e 4 erraram; a 16ª questão era uma leitura de uma receita de brigadeiro e os alunos responderiam para que serviria o texto que leram, a resposta era como ensinar a fazer brigadeiro, 11 alunos acertaram e 10 erraram; a 17ª questão era para acompanharem silenciosamente a leitura do texto Sopa de pedras que o aplicador faria e após eles marcariam quem era o pessoal de quem falava no texto, 13 alunos acertaram e 8 erraram; a 18ª questão era leitura e interpretação de texto sobre dicas de como agir na praia, 5 alunos acertaram e 16 erraram; a 19ª questão foi mais uma vez sobre leitura e interpretação de texto, o texto era sobre curiosidades da baleia, 10 alunos acertaram e 11 erraram; a 20ª e última questão foi para acompanhar a leitura de um trecho de uma revista em quadrinhos onde eles teriam que identificar a reação da Mônica diante da resposta dada pelo espelho a ela, 9 alunos acertaram e 12 erraram. De acordo com a tabela de apuração dos resultados, apresentada a seguir:

Q uestões	Acertou	Errou	Observações
1º	19 alunos	2 alunos	Questão para reconhecer a letra G entre outras letras do alfabeto.
2º	21 alunos	0 alunos	Questão para reconhecer através da figura de um tubarão o seu referido nome.
	18 alunos	3 alunos	Questão para

3°			reconhecer a placa que continha somente letras.
4°	20 alunos	1 alunos	Questão para reconhecer letra inicial da figura de uma borboleta.
5°	19 alunos	2 alunos	Questão para reconhecer a primeira letra diante da figura de uma girafa.
6°	19 alunos	2 alunos	Questão para reconhecer a 1° sílaba da palavra caderno.
7°	20 alunos	1 alunos	Questão para identificar onde está a frase: As crianças brincam de pega-pega.
8°	18 alunos	3 alunos	Questão para identificar onde está escrito a palavra formiga.
9°	19 alunos	2 alunos	Questão pra reconhecer entre as palavras: panela, peteca, pipoca e sapato, a que tinha a primeira sílaba da palavra pirulito.
10°	18 alunos	3 alunos	Leitura do texto: Porquinho-da-Índia e após responderiam onde o porquinho gostaria de estar.
11°	13 alunos	8 alunos	Reconhecer a quantidade de sílabas na palavra galinha.
12°	16 alunos	5 alunos	Reconhecer o nome de uma estante através da sua figura.
13°	11 alunos	10 alunos	Reconhecer o assunto de um cartaz sobre a Dengue e informar de que se tratava o texto.
14°	10 alunos	11 alunos	Leitura do texto sobre a invenção do Baralho e marcar o assunto do texto.
15°	17 alunos	4 alunos	Leitura de um convite de festa para entender a que se refere o texto.

16°	11 alunos	10 alunos	Leitura de uma receita de brigadeiro e marcar a resposta que representa o texto.
17°	13 alunos	8 alunos	Acompanhar a leitura do texto: Sopa de pedras e identificar quem era o “Pessoal” a que se referia o texto.
18°	5 alunos	16 alunos	Leitura de texto e interpretação do assunto principal do texto que era sobre dias de como agir na praia.
19°	10 alunos	11 alunos	Leitura de texto sobre curiosidades sobre as baleias e interpretação do assunto do texto.
20°	9 alunos	12 alunos	Acompanhamento da leitura de pequeno texto e interpretação do mesmo.

Apenas um aluno conseguiu acertar toda a prova e após fazer as correções notei que as questões as quais envolviam leituras e interpretação de texto apresentaram mais acertos pelos alunos assim como, a questão para fazer separação de sílabas. No que diz respeito às questões sobre reconhecimento de letras e reconhecimento de palavras, o número de acerto foi maior, uma minoria não responderam de forma correta.

A Provinha Brasil tem 5 níveis de avaliação sobre o aprendizado dos alunos, onde o nível 1 vai até 5 acertos e os alunos conseguem diferenciar letras de outros sinais gráficos e identificar letra ou sequência de letra do alfabeto lida pelo aplicador; pelas correções feitas nas provas nenhum dos 21 alunos estão neste nível. O Nível 2 vai de 6 a 11 acertos e os alunos além de já terem consolidado as habilidades no nível anterior, já podem também: reconhecer palavras de formação silábica canônica escritas de diferentes formas, estabelecer relação entre grafemas e fonemas, identificando, por exemplo, a letra ou a sílaba inicial de uma palavra e ler palavras formadas por sílabas canônicas e não canônicas, dos 21 alunos que responderam a Provinha 3 alunos se adequam neste nível. O nível 3 refere-se de 12 a 15 acertos e os alunos que estão neste nível além de já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores conseguem também: identificar o número de sílabas em uma palavra, ler frases de sintaxe simples

com o apoio de imagens ou ditadas pelo aplicador, identificar informação explícita de fácil localização em textos curtos com o apoio de leitura pelo aplicador ou pela leitura individual, inferir informações em textos curtos de gêneros usuais, pela leitura individual e com apoio em linguagem não verbal, reconhecer o assunto do texto com o apoio do título ou de conteúdo informacional trivial, com base nas características gráficas do gênero, pela leitura individual ou com o auxílio da leitura pelo aplicador, reconhecer a finalidade de textos de gêneros usuais (receita, bilhete, curiosidades, cartaz) com base nas características gráficas destes e na leitura individual, dos 21 alunos 9 estão neste nível. O nível 4 vai de 16 a 17 acertos e além dos alunos já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores eles já podem também: identificar informação explícita não trivial em textos curtos ou médios, com o apoio da leitura pelo aplicador ou com base em leitura individual, reconhecer a finalidade de um texto a partir de leitura individual, sem o apoio das características gráficas do gênero ou explorando seu conteúdo informacional, reconhecer o assunto de textos curtos e médios lidos individualmente sem o apoio das características gráficas do gênero, inferir informações não triviais em textos curtos pela leitura individual e apoio nas características do gênero, relacionar um nome a seu referente anterior em textos curtos e médios, dos 21 alunos 6 estão neste nível. O nível 5 vai de 18 a 20 acertos e além dos alunos já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores os alunos que estão neste demonstram também: reconhecer o assunto de um texto longo com base no título, a partir da leitura individual, reconhecer o assunto de textos médios por meio de inferências com forte base no conteúdo informacional, a partir de leitura individual, identificar informação explícita não trivial, por vezes secundária, em um texto curto ou médio, com base em leitura individual, inferir informação não trivial em textos médios com base em leitura individual ou com apoio de leitura pelo aplicador e reconhecer a finalidade de um texto de construção complexa lido silenciosamente com o apoio de suporte, dos 21 alunos que realizaram a prova 3 deles estão neste nível.

Ao meu entendimento grande maioria dos alunos já deveriam estar entre o nível 4 e 5, pois já se encontram no 4º ano, embora acompanho essa turma há 2 anos, percebi que os que ficaram como repetentes tiveram um pequeno avanço em relação a leitura e a escrita, embora tenha sido um progresso pequeno diante do que já deveriam estar dominando em relação à leitura. Segundo Cagliari (1998), o ensino desde a alfabetização deve ser centrado em textos espontâneos e não palavras isoladas e a escrita no início da alfabetização deve ser a forma e não a cursiva, assim será mais fácil

a aprendizagem. Ao passar a fase de alfabetização deve-se continuar a se trabalhar textos em sala de aula, pois

Quando aprendem a falar e a ouvir a linguagem diante de textos, as crianças passam a dominar não só os sons da fala e os significados literais das palavras, mas também as formas de argumentar, de construção da coerência e da coesão dos textos e o uso literal e metafórico da linguagem. (Cagliari, 1998, p. 204).

Quem ler bem conseqüentemente escreverá bem, a função de uma auxilia a outra, e os alunos devem aprender o valor que realmente tem a escrita, é evidente que ao sair da alfabetização os alunos tenham um tratamento diferente para a aprendizagem da escrita, terá a mudança da escrita de forma para a cursiva e os professores devem fazê-lo sem amedrontá-los e sempre dando espaço para o que os alunos escrevam o que falam

[...] com relação à escrita, o que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade, espacial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa, a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício de treinamento manual. [...] Preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever. (Cagliari, 2008, p.100).

Na turma na qual observei a leitura dos alunos, a grande maioria ainda está na fase inicial da leitura, segundo os dados que obtive através da correção da Provinha Brasil, alguns desses alunos não reconheceram letras do alfabeto nas questões pedidas e nas de leituras não tiveram êxito a grande maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo esse estudo sem conseguir ainda construir um diagnóstico do por que os alunos chegam ao 4º ano sem ter consolidado a habilidade em leitura. Decidi por averiguar em que nível dessa habilidade aplicando a Provinha Brasil, como esta é aplicada para alunos do 2º ano do ensino fundamental nas escolas públicas brasileiras, optei por aplicá-la nesta turma a fim de verificar em que nível de leitura se encontravam. Após a correção das provas pude verificar que a grande maioria destes alunos continuavam sem uma leitura eficiente para um 4º ano, pois as questões em que se exigiam leitura e interpretação de texto teve uma quantidade mínima de acertos e as que não exigia leitura teve uma quantidade maior de acertos.

Concluo que a Provinha Brasil poderia mesmo ser uma ferramenta a auxiliar o professor a aferir em que nível de habilidade de leitura se encontram seus alunos e como trabalhar com estas suas necessidades na aprendizagem, embora o Governo crie meios que ajudem a acabar com esse déficit na aprendizagem, o impasse permanece entre o aluno que parece que não tem interesse em aprender e o docente, desafiado a um trabalho árduo que é estar em um ambiente que não lhe propicie subsídios para um ensino eficaz para inovar em suas aulas, chamando assim, a atenção dos alunos à aprendizagem e tendo em vista que as condições de trabalhos oferecidos pode afetar tal inovação e também o próprio ambiente escolar.

Na minha experiência no PIBID, vi muitas vezes o professor tentar realizar uma aula diferente, como por exemplo, estudar História em forma de jogral, mas não tinha êxito, ela não conseguia mobilizar os alunos. Do mesmo modo, foi o resultado do projeto “Trono da Leitura”, onde os alunos iam a um trono improvisado com uma capa e uma coroa e liam um trecho de algum livro escolhido na biblioteca da escola. A iniciativa tinha o propósito de incentivar a leitura, mas poucos participavam. As aulas seguiam de forma tradicional (o professor escreve no quadro e os alunos copiam) e segundo as palavras da professora da classe era impossível transmitir o assunto relacionado para o 4º ano devido à grande dificuldade de entendimento dos alunos e a mesma tinha que fazer o papel de uma professora de alfabetização, eles não conseguiam assimilar com exatidão o assunto pedido e quando se tratava de escrita demoravam bastante somente para copiar o assunto do quadro.

Trata-se de uma questão complexa, que precisa ser mais investigada. Fica ainda a pergunta: por que a turma não aprende? Será que é por não ter uma familiarização com a leitura em casa? Ou será por não entenderem o real valor de saber ler e a importância disto na nossa vida? Ou ainda, por que será que as estratégias pedagógicas propostas pelas professoras não conseguem mobilizar o interesse dos alunos?

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. Editora Scipione, 2008, 10ª edição. São Paulo – SP.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem ba-be-bi-bo-bu**. Editora Scipione, 1998, 1ª edição – 2009. São Paulo – SP.

MEC. Guia de correção da Provinha Brasil. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em 06 abril 2016

_____ **Portaria Normativa nº - 10, de 24 de Abril de 2007**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em 06 abril 2016.

_____ **Portaria nº 867, de 4 de Julho de 2012**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em 06 abril 2016.

_____ **Provinha Brasil**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em 06 abril 2016.